

# PEDAGOGIA DA CONVIVÊNCIA: ELZA FREIRE – UMA VIDA QUE FAZ EDUCAÇÃO. (RE-SIGNIFICANDO A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE ADULTOS NO BRASIL - 1916/1965)

Nima Imaculada **Spigolon** – UNICAMP

## Introdução

O trabalho se encontra inserido num escopo abrangente de pesquisa desenvolvida no período de 2007 a 2009, em nível de Mestrado, que visou identificar a atuação desta personagem histórica junto à Educação Brasileira e, em particular, à Educação de Adultos. A referida pesquisa estrutura-se em quatro momentos: 1) Elza no Recife (1916/1965); 2) Elza no exílio (1965/1980); 3) Elza retorna ao Brasil (1980/1986), 4) O legado de Elza (*post-mortem*). O artigo contempla o primeiro recorte temporal, compreendido entre os anos de 1916 a 1965, apresentando reflexões, expondo discussões e considerações sobre Elza Freire<sup>1</sup>, a fim de analisar a estruturação, fundamentação e consolidação das experiências político-pedagógicas com Adultos, que nos remete à gênese desta Educação no Brasil e buscando compreender o cenário de época, o contexto pedagógico, histórico, cultural e sócio-político de sua trajetória pessoal, formação intelectual até a atuação profissional e política, com ênfase à sua participação neste processo.

Sobre Elza, em especial, são desconhecidas pesquisas e ainda mais raros estudos, fundamentando o ineditismo das fontes e a originalidade do tema no contexto das discussões científico-acadêmicas.

No artigo, perpassamos as experiências vivenciadas por e com Elza desde os primeiros tempos em Recife; sua escolarização e formação profissional em meados das décadas de 1920/35; o casamento com Paulo Freire nos anos de 1940/50; os serviços ao ensino público, entre 1943/64. Aliadas às atividades do SESI, Círculos de Cultura, movimentos de base: MEB e MCP, em Recife e Angicos, depois São Paulo e Brasília, com o Plano Nacional de Alfabetização, entre a metade do século passado e o início dos anos 1960, drasticamente interrompidos pelo Golpe Militar em 1964.

Numa perspectiva morfológica e arqueológica, realizamos o levantamento de fontes e coleta de dados, obtendo materiais que conduziram à identificação da

---

<sup>1</sup> Elza Maia Costa Oliveira, após o casamento com Paulo Régulus Neves Freire passa a assinar Elza Maia Costa Freire. Ao longo do texto optamos em usar Elza para nos referirmos ao sujeito da pesquisa.

educadora e intelectual, cuja teoria e prática político-pedagógicas se imbricaram ao pensamento Freireano, a partir do casamento com Paulo Freire, quando a pesquisa assume outra dimensão; sob este aspecto do percurso investigativo, apresentamos a teoria, intitulada: Pedagogia da Convivência<sup>2</sup>, onde teriam sido fundadas as bases para o “método” desenvolvido e as “teorias” formuladas por Paulo Freire.

## **1) Aportes Teórico-Methodológicos**

Considerando a especificidade do tema, a abrangência do período proposto, a diversidade de fontes e a limitação de seu aprofundamento quanto à fundamentação teórico-metodológica atribuída, sobretudo, à escassez de produções científicas relacionadas à temática, delineamos estratégias para o registro do processo, desenvolvimento e resultados obtidos. As fronteiras textuais e técnicas que permitiram esta produção científica se articulam por meio de questões nucleares e recortes temporais discutidos por teóricos, distribuídos em citações, no intento de promover movimento e direcionar entendimento. O tema Elza encontra-se na interface de diversos desses aportes, mas apenas alguns serão neste artigo referenciados. Além disso, trabalhamos com um conjunto de textos e fontes da pesquisa, subdivididas em bibliográficas e iconográficas; documentos; acervos (públicos e pessoais); fontes orais e escritas; fontes primárias (manuscritos inéditos de Elza).

Como estrutura metodológica, levantamento de informações, coleta de dados e agrupamento das diversas fontes incorporadas ao mapeamento bibliográfico, juntamente às descrições e análises dos manuscritos de Elza e, por fim, a técnica da entrevista em forma de narrativas, apresentando Paulo Freire como principal narrador<sup>3</sup>.

Os aportes da abordagem qualitativa foram utilizados e estruturados segundo uma lógica indutiva, sustentados por várias técnicas e instrumentos de pesquisa. Esta possibilidade, permitida pela interação com e entre o sujeito da pesquisa,

---

<sup>2</sup> Fundamentada nas categorias Freireanas, às quais se agregaram as categorias surgidas com a pesquisa de Mestrado, denominadas de Elzarianas. Apresenta como referenciais principais o “pensar”, o “fazer”, o “falar” e o “sentir”. Parte do princípio de que a convivência pelo encontro em si é uma relação que por sua natureza, requer respeito e coerência. Ou seja, é através dessa convivência e dos “saberes diferentes” que o conhecimento é compartilhado, mediante o ensinar-aprender, pautado na “amorosidade”, “criticidade”, “dialogicidade” e, sobretudo, “conscientização”.

<sup>3</sup> Adotamos as conceituações de Benjamin (1994), entendendo como o autor que Freire ao ser o principal narrador sobre Elza, objetiva-se recuperar o que foi perdido.

afigura-se como particularmente relevante neste campo de estudo. Elza permanecia, como que à margem da História da Educação de Adultos, como marginalizada e excluída se faz ainda essa Educação.

As décadas compreendidas no recorte foram expostas em ordem cronológica, utilizando fontes iconográficas inseridas ao texto acadêmico para estabelecer a composição histórica, que possibilitou movimento e significado entre documentos, fatos e fragmentos, pois Elza constitui o “*foyer*”, é o sujeito que regula e configura as temporalidades da pesquisa.

## **2) Multifaces de Elza – Vida, Educação e História**

Embora se apresentem aspectos significativos da vida de Elza, enfatizamos não se tratar de biografia. Para isso, na tentativa de esquivar-nos da ilusão e do “*relato apaixonado*”, buscamos desenvolvê-la como “*um conjunto coerente e orientado*” (BOURDIEU, 1998, p. 184). Ainda que seja necessário reconhecer que, em muitos momentos, as objetividades fundantes da pesquisa se mesclaram às subjetividades da pesquisadora.

Recorremos ao conceito de multifaces apresentado por Ferreira (1995): “*que se aplica a diversos assuntos: pesquisador; multifacetado (que tem muitas facetas)*”. No caso específico de Elza, essa definição nos remete à complementação, quando o mesmo autor entende faceta [Do fr. *facette*] pequena face ou superfície; superfície limitante de cristal ou pedra preciosa; cada um dos aspectos particulares pelos quais se considera alguém ou algo. Elza e suas multifaces:

(...) Elza não era apenas a esposa, a mãe dos filhos, a amante, mas também, e com muita ênfase a companheira de luta, a companheira comprometida com o trabalho libertador. Arturo Ornelas (ORNELAS apud GADOTI (Org.), 2006, p. 150).

Em Elza existe a discussão dos acontecimentos e fatos históricos que os levaram juntos a pensar, sentir e construir essa Teoria e Prática Educacional, que desde o final da década de 1960 se espalha pelo mundo, é parte constitutiva de nossa investigação. Embora, ainda “na penumbra”, entendemos assim que Elza, em suas multifaces, está inserida nesse contexto e encontra-se inteira como mulher, mãe, esposa, companheira, educadora, política. Condição expressa pelo filho, Lutgardes (apud COSTA FREIRE, 2005):

Fui convidado para esta homenagem ao meu pai, mas eu gostaria de falar um pouco a respeito da minha mãe, Elza Freire, porque muitas vezes os grandes homens aparecem no mundo, na mídia e as suas esposas ficam na penumbra.

Assim destaca, uma categoria apontada por Bourdieu (1999, p. 45), uma espécie de “*agorafobia*” socialmente imposta às mulheres, ou seja, uma censura às formas de expressão pública, verbal ou mesmo corporal. Por ter sido “negado” à elas os espaços públicos, se vê acometida por uma espécie de “*agorafobia*”, o que conduz “*a se excluírem a si mesmas do agora*”.

Quais os possíveis motivos desta realidade, desde o “aparente” desconhecimento até certo “descaso” para com Elza, situando-a como figurante na Academia e nas discussões concernentes a esse contexto? Nesse sentido, Santiago (2000, p. 76), traz relevante contribuição ao retificar:

Embora Elza não tenha sido, nem seja anônima, ao contrário, está presente no conjunto da sua obra, pouco figura entre os leitores e analistas da obra de Freire como uma das grandes presenças no processo construção/sistematização do seu pensamento. Não é de estranhar que ela figure apenas entre aqueles que com ela tiveram oportunidade de convivência, visto que, o sentido corrente atribuído aos intelectuais e à vida acadêmica não a incluiu, menos por impossibilidade intelectual e mais por seu próprio estilo.

Elza, além de participar das modificações e transformações que ocorreram na Educação e na Sociedade, dá início a outras referências ao lado de Paulo Freire a partir do casamento e quando da construção do pensamento e práxis advindas dessa convivência, situando-se como partícipe de importante processo histórico, político e pedagógico. As multifacetadas de Elza depuram temas e formas de expressão, alcançadas, no conjunto, pela universalidade e originalidade só reservadas àqueles que fazem do trabalho político-pedagógico um exercício ao qual se dedicam toda uma vida. Enfim, entendemos ser possível re-escrever a História, re-significar a Educação, pois ela demonstrou amor a vida e as causas de sua vida.

Elza, mulher, nordestina, normalista, funcionária concursada, pioneira da arte-educação no ensino público por meio da alfabetização infantil. Casou-se com Paulo Freire em 1944. Dessa união, cinco filhos vivos: Madalena, Cristina, Fátima, Joaquim e Lutgardes. Esposa, companheira, educadora, intelectual, política; partícipe das primeiras experiências com Educação Popular, por meio dos Círculos de Cultura, metodóloga das palavras geradoras para a Educação de Adultos; precursora na formação de professores com inovações didático-pedagógicas ao atuar nos movimentos de base e no Plano

Nacional de Alfabetização. Mãe, amiga, solidária; lutadora em prol do trabalho libertador; engajada nas atividades sociais, pedagógicas, políticas, culturais. Elza foi mais que diretora de escola, acreditou no ser humano e dedicou sua vida a lutar por isso; intervindo numa realidade de desigualdades, na tentativa de transformá-la através da Educação. Primeira esposa de Paulo Freire foi mais que companheira de todas as horas do educador brasileiro. Como professora, despertou no marido a vocação para o trabalho com Educação ao possibilitar sua aproximação com questões pedagógicas. Para além dessa contribuição, atuou de forma decisiva no desenvolvimento da Teoria do Conhecimento<sup>4</sup>, cujos conceitos são conhecidos praticamente em todo o mundo. Elza representou perda e saudade, profunda dor em 1986.

A pesquisa torna perceptível que Elza influenciou e concretizou com Paulo Freire seus sonhos e suas utopias, desde Recife, depois o exílio, até retornar ao Brasil. Daí extraindo-se que ela muito mais que companheira amorosa, esposa dedicada e profissional competente, exerceu grande e decisiva participação no pensamento e na práxis Freireana; bem como deixou contribuições para a Educação Brasileira.

### **3) Do Início das Experiências à Educadora Intelectual e Política**

A escolarização de Elza ocorreu na perspectiva educacional da época, a partir da década de 1920, iniciando-se em Recife numa escola de bairro. Durante meados de 1930, continuou os estudos frequentando em Olinda a Academia Santa Gertrudes. Em seguida, é recebida novamente em Recife pela Escola Normal. Inserida num momento histórico de grandes acontecimentos, como a crise de 1929 no cenário econômico e mundial, bem como ao desenrolar da publicação do Manifesto dos Pioneiros de 1932, ilustrando as questões políticas e educacionais, alia-se a Era Vargas.

Com a perspicácia de poucos educadores, certamente gerada no próprio clima do momento e da Escola Normal, soube no processo depurar do ideário da Escola Nova idéias que uniu a outros pensamentos e formas, embasando seu trabalho político pedagógico. (SANTIAGO, 1987, p. 29).

Posições políticas assumidas por Elza, quando a própria afirma, re-afirma suas escolhas: “*Escolhi ser professora por mim mesma, desde cedo...*” (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 202). Ao analisarmos essa importante citação há que se

---

<sup>4</sup> Consideramos como Brandão (2005) que Freire criou uma proposta educacional revolucionária e, forjou uma teoria do conhecimento em prol da conscientização política, em que educação é prática da liberdade.

questionar em que momento se inicia a formação de professores? Ela tem sua gênese a partir do momento em que o professor se mostra ao mundo. Para Nóvoa (1992, p. 26), *“A formação está indissociavelmente ligada à produção de sentidos, sobre as vivências e sobre as experiências de vida”*. Portanto, o professor ao realizar sua prática pedagógica, está ali com todos os elementos que constituíram a sua história.

É preciso estabelecer a análise crítica ao reconhecer que a entrada feminina nas escolas normais oportunizou o acesso a instrução pública, favorecendo o processo de inserção profissional às mulheres. Louro (1997) entende que este fato se deve ao processo de urbanização e expansão da industrialização do País que ocasionou o movimento que daria origem à “feminização do magistério”. Isso marcou profundamente sua vivência político-pedagógica, seja na condição de mulher, no papel de professora, seja no seu compromisso com o trabalho libertador.

A implementação do capitalismo industrial no Brasil, a partir de 1930, determinou uma nova organização das relações sociais, econômicas, políticas, culturais e, mudanças estruturais. Por conseguinte, o surgimento de novas exigências educacionais. Nessa realidade, Elza após o Normal, ingressa no Instituto Pedagógico do Recife, inicialmente como aluna; depois, professora mediante convite pelo seu desempenho.

Em seguida, aprovada em concurso público, em janeiro de 1943, é nomeada professora da rede estadual de Pernambuco. Entre 1943 e 1947, lecionou no Instituto Pedagógico, e em 1948 e 1949, na Escola de Especialização. A partir de 1951 até 1953, exerceu o cargo de diretora na Escola de Especialização Ageu Magalhães. Em novembro de 1953, foi diretora Padrão I da Escola Mota e Albuquerque. Já em 1954, lecionou na Escola Clotilde Meira. No período de 1954 a 1956, retornou para a Escola Mota e Albuquerque. De janeiro de 1956 até meados de 1964, foi dirigente Padrão da Escola Caio Pereira. Como dirigente da Escola Joaquim Nabuco, terminou o ano de 1964, partindo para o Chile.

Outro aspecto que merece destaque nesta análise é a sensibilidade e o compromisso determinantes para sua luta pedagógica no campo da arte-educação, a qual foi ampliada pioneiramente pela alfabetização: *“Na década de 50, Elza Freire dirigia em Recife, uma escola de subúrbio e sob sua influência e estímulo a Professora Mirian Didier iniciou um trabalho de alfabetização através da Arte”* (MAE BARBOSA apud GADOTTI, 2006, p. 637). Elza apresenta inovações pedagógicas e posicionamentos políticos com a Educação Pública, assim: *“Elza Freire foi uma das pioneiras na*

*integração da Arte na Escola Pública, enfatizando as produtivas implicações do fazer artístico no processo de alfabetização”* (MAE BARBOSA apud VALE, 2005, p. 20).

Durante o percurso de investigação científica, isso foi retificado ao se identificar características que lhe possibilitavam estar sempre atenta às necessidades, interesses e motivações dos educandos. *“O seu gosto pela alfabetização e, em especial, pela popular a fará uma educadora apaixonada pelo seu fazer teórico-prático e pelos educandos – objeto da sua ação e sujeitos da própria aprendizagem”* (SILVA in SANTIAGO, 1987, Anexo). Elza política, diretora e professora vai re-afirmando educadora pelo seu compromisso libertador e transformador, como conclui Itamar: *“Paixão que a identifica e a une às classes populares e permite que comungue dos seus sofrimentos tanto quanto do seu esforço pela libertação”* (ibid). Nesse processo, também demonstrava autoridade de quem conhecia as manifestações da miséria, compreendia a condição e a natureza humana, e sabia que elas se expressavam de variadas formas; como quem fazia do ato pedagógico um ato político, transformando sua teoria sobre o complexo ato pedagógico num simples ato de amor. De onde se pode concluir, que para Elza, de acordo com Freire: *“No fundo o ato pedagógico é muito amoroso também. É uma coisa assim radicalmente amorosa”* (FREIRE & GUIMARÃES, 2001, p. 117).

Elza aprofundou estudos; ampliou atividades; compôs equipes técnicas; fundou instituições; socializou conhecimentos; aliou teoria e técnica; discutiu questões político-pedagógicas sem se isolar do contexto da vida. O compromisso dela com a Educação, sua instrução e formação compreende questões sobre a discussão do ensino público no Brasil, dentro de uma perspectiva crítica e politizada, reflexiva e científica.

A cultura e a luta social configuraram-se como principais referenciais utilizados nos processos de interação político-pedagógica estabelecida por Elza. A Educação foi apontada como recurso que proporcionou questionamentos e reflexões entre a teoria e práxis demonstradas por ela mediante citações e narrativas analisadas e inseridas na pesquisa. Essa maneira de ser se desdobrava no seu trabalho, perpassando princípios teórico-metodológicos que registram seu envolvimento com a Educação e com a humanidade, desde o início das atividades à educadora política.

#### 4) Pedagogia da Convivência: Elza e Paulo Freire

Elza e Paulo Freire conheceram-se entre 1935 a 1944. Consideramos como conseqüência e essenciais as aproximações entre eles, num contexto acadêmico para reforçarmos vários aspectos da pesquisa, da Educação e da História. Nosso intuito é o de indicar fundamentações para ampliação do arcabouço teórico, nos referindo às possibilidades de “novo olhar” condizente à Pedagogia Freireana sob a perspectiva de Elza e, do que se pode produzir a partir daí.

Paulo Freire (FREIRE & HORTON, 2003, p.83) destaca: *“Elza na verdade, exercia uma influência extraordinária sobre mim do ponto de vista existencial e do ponto de vista intelectual. Eu deveria dizer ‘antes de Elza’ e ‘depois de Elza’”*. Nesse processo, nos deparamos com essa referência, reforçando a hipótese em torno da “Pedagogia da Convivência”, pois tais influências não se apresentam estanques, contemplando aspectos cognitivos e afetivos, possibilitam um processo capaz de impedir ou minimizar a dicotomia entre eles e a realidade existencial.

Lutgardes (2005) assegura considerável contribuição nesse sentido, ao proferir: *“Portanto, é difícil falar de Paulo Freire sem falar de Elza Freire, porque ela foi uma grande educadora, uma grande pensadora”*. Logo, para melhor compreender a dimensão da teoria e prática Freireana há que se perpassar Elza, identificando suas capacidades de “educadora” e “pensadora”, bem como permitir o desvelamento de abordagens, até então, ocultadas. Nesta perspectiva, a importância de analisarmos a valiosa influência e consistente participação de Elza na própria consolidação da Teoria do Conhecimento forjada por Freire. A aproximação pedagógica dele está relacionada à sua forma de inserção nesse contexto, cujo resultado se atribui a Elza, como é possível constatar: *“Ela influenciou-me enormemente. Assim, meus estudos lingüísticos e meu encontro com Elza conduziram-me à pedagogia”* (FREIRE & MACEDO, 2002, p. 109). Uma lacuna na formação de Freire fora preenchida com a contribuição de Elza:

(...) porém eu tenho uma grande deficiência, um grande vazio na minha prática de professor: eu nunca fui professor primário (...) Mas eu nunca tive experiência direta com crianças, nunca alfabetizei crianças. Minha grande experiência com crianças foi com meus filhos mesmo, que hoje são os melhores juizes de Elza e da minha prática de educadores. (FREIRE apud BRANDÃO, 1983, p. 93).

Paulo Freire foi definindo as atividades pedagógicas de Elza, referenciando sua atuação, estabelecendo aproximações desde os movimentos populares até a

intimidade familiar, nas dimensões político-pedagógica e cognitivo-afetiva que os caracterizava. Assim Freire (FREIRE & HORTON, 2003, p. 83) avaliava Elza:

ela era uma educadora fantástica (...) cheia de noções e sentimentos e conhecimento daquilo que estava fazendo. Acho que por essa razão ela era melhor que eu. E claro, eu acho que ela era também uma grande educadora.

Por outro lado, o processo da convivência assume a perspectiva necessária para a práxis. Essa relação de convivência e práxis, denota como a união que se deve estabelecer entre o que se faz e o que se pensa e o que se sente acerca do que se faz. Uma possível visão de transformação relacionada a partir do momento em que o homem e a mulher sentem a necessidade de produzir algo novo, e encontram na práxis criadora o espaço que “*permite enfrentar novas necessidades, novas situações*” (VÁZQUEZ, 1979, p. 247). Acrescentaríamos a essa reflexão que o “novo” não significa necessariamente “outro”, pode ser produto do “novo olhar” lançado sobre coisas já vivenciadas. Nesse sentido entendemos que Elza representa “novo olhar” que se projeta.

Nesse contexto, convivência e pedagogia que oportunizaram a Educação de Adultos atual, influenciando o pensamento político-pedagógico mundial em torno de uma educação libertadora e transformadora, sob a perspectiva Freireana. A afirmação desta possibilidade é vislumbrada ao discorrermos sobre a Pedagogia da Convivência que se estabeleceu entre Elza e Paulo Freire, convivência político-pedagógica, convivência amorosa. Para discorrermos sobre essa questão, apontamos as fundamentações em Scott (1990), explicando que gênero, ao contrário de sexo, era socialmente construído e refletia sobre todos os aspectos da vida, incluindo sexualidade, identidade, política e divisão do trabalho. Propomos então, que Elza e Paulo Freire poderão ter maiores possibilidades de compreensão, discussão e reflexão se forem analisados e estudados sob a perspectiva da Pedagogia da Convivência. Isso é observável e comprovável pela pesquisa.

Lutgardes (in SOUZA, 2001, p. 341) traz importante fundamentação, no sentido de não exclusão de um ou de outro, de Elza em Paulo Freire e vice-versa; ao contrário reforça a complementaridade:

A educação é um ato político, e sendo político implica uma escolha... O ato político também é amoroso, pois implica num gosto numa escolha, num porque... Da mesma forma que travamos na vida a nossa luta política, em nossa vida particular também escolhemos nossas parceiras, nossos parceiros. Foi assim que Paulo escolheu e foi escolhido por Elza, sua companheira durante quarenta e dois anos. Elza era uma professora exemplar, uma educadora que influenciou Paulo, assim como Paulo a influenciou. (COSTA FREIRE apud SOUZA (org.), 2001, p. 332)

No decorrer do processo investigativo foi possível perceber que Elza tem papel fundamental enquanto ator social, inicialmente no contexto nacional, no processo de formulação, desenvolvimento e implementação de questões educacionais. Apontamos a partir desta realidade, as evidências de que ela desempenhou papel tácito, ou seja, que não está declarado, mas que se subentende manifestado de maneira implícita. Além de participar das modificações e transformações que ocorreram na Educação e na Sociedade, assume destaque com referência a Paulo Freire a partir do casamento e quando da construção do pensamento e práxis advindas desta convivência. Elza é o próprio processo social, histórico, político e pedagógico. Portanto, entendemos que esses processos, ao se organizarem, tornam-se construções dialógicas, que influenciarão as relações sociais e os comportamentos dos homens e mulheres, pessoas inseridas nessas organizações.

Descobri, por causa de Elza, que o que eu estava fazendo, quando ensinava português, era algo mais que ensinar, era precisamente educar. Não quero separar o ensino da educação. Não faz sentido. O que quero dizer é que, objetivamente, quando eu estava ensinando a Língua Portuguesa estava educando. Mas eu não sabia disso e foi Elza quem me iluminou com relação a isso. Subitamente eu comecei a juntar sonhos antigos e a reconhecer conexões entre eles. Ficou claro para mim que eu tinha um gosto por fazer perguntas, por saber, por ensinar e tive certeza de que era um educador ou que teria que me tornar um educador. Essa foi a primeira grande influência da Elza sobre mim. (FREIRE & HORTON, 2002, p. 83).

A partir do momento em que aconteceu a aproximação de Elza e Paulo Freire, promovendo a interação entre o teórico (intelectual) e a prática (sentimental), inicialmente por intermédio do encontro depois, pelo casamento, foi possível identificar como foram se estabelecendo as influências, o despertar crítico e consciente de Freire. Portanto, ao ultrapassarmos as linhas do referido recorte, o desafio desta citação é pensar e sentir a preciosidade e a representatividade destas palavras. É possível agrupar uma série de discussões e reflexões com abordagens convergentes de modo a destacar a convivência como fenômeno pedagógico. Isso nos remete a transportá-los daquela realidade configurando-os na nossa, numa transposição coerente e surpreendente. Elza instiga a busca e ilumina o encontro ao estabelecer possibilidades de conexões entre eles, assim como se procedeu com Paulo Freire.

Se não faz sentido “*separar o ensino da educação*” (FREIRE, 2002, p. 83), igualmente não faz sentido e não queremos separar Elza de Paulo Freire e vice-versa. Ao ampliarmos essa discussão sobre o quanto e como Elza instiga, incentiva, impulsiona, reafirmamos que estas questões integram possibilidades de estudos e pesquisas, novas produções. Entendemos ter conseguido encontrar na formação

acadêmica e na atuação profissional de Elza, elementos e informações que permitiram a identificação da educadora e intelectual, sobretudo de sua prática político-pedagógica, as quais se imbricaram ao pensamento Freireano, marcado a partir do casamento. Isso denota que ao se estabelecer a Pedagogia da Convivência entre Elza e Paulo Freire, dá-se a consolidação das experiências com Educação de Adultos, o que nos remete à gênese dessa Educação no Brasil. Assim, afirmamos que ambos foram vanguardistas como pensadores da Educação na aludida linha de pesquisa.

## **5) Re-significando a História da Educação de Adultos no Brasil**

A pesquisa assume uma perspectiva histórica e, conseqüentemente, a tentativa de re-significar<sup>5</sup> a Educação de Adultos no Brasil, pois re-escreve a História (1916 – 1965), empreendendo outros significados. Daí extraímos a coerência de Elza entre o pensamento e a práxis, bem como em suas estratégias de ação. De um lado, ela revela o princípio dialético de que toda nova realidade é gerada no seio da antiga. De outro, conota o fundamento de que todos são competentes em algo. De acordo com Romão, ninguém é nulo em tudo, ninguém é competente em tudo e, por isso, todos são capazes de aprender e ensinar (ROMÃO apud FREIRE, 2001).

De acordo com Elza: *“Fizemos juntos, Paulo e eu, o trabalho de alfabetização no Nordeste... Então, nós pensamos: e se transferíssemos para o mundo do adulto, como seria?”* (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 230). Este recorte aponta para o registro histórico do nascimento de um “Método”<sup>6</sup> que partiria dali para o mundo, revolucionando a Educação. Podemos extrair dessas palavras que ela atua na concepção e concretização da metodologia. Elza não é mera expectadora, é partícipe. Isso se configura como outro fator que merece destaque, pois que a pesquisa desenvolvida avança e contribui, principalmente por divulgar e analisar seus manuscritos, que ao subsidiarem e confirmarem tais hipóteses, apresentam-se como preciosidades históricas, que enriquecem as descobertas e discussões no que concerne à Educação, em particular a Educação de Adultos. Por exemplo:

---

<sup>5</sup> Freire e o pacto populista (ROMÃO, 2001, XIII). Optamos em adotar o termo re-significado. Usaremos a forma verbal com o “re” separado por hífen, pois nossa intenção é destacar no sentido em que todos os seres humanos sabem e podem algo e, por isso, quando aprendem uma nova idéia ou adotam uma nova prática, estão re-elaborando algo de que já eram portadores.

(...) Longe de compreender a realidade, a compreensão do mundo o povo tem (...)  
O homem que aprendeu para poder pegar o homem que enganava o trabalhador (...)  
Encontra as palavras geradoras. Temos o seguinte: geradora na medida que possibilita a feitura de outras palavras (...)  
O conhecimento viabilizador para os sentidos (...)  
O sentir uma certa materialidade pela sensibilidade – a percepção do objeto – registra certas percepções – pego – sinto – percebo – falo o nome do objeto (...)  
Qual a diferença entre mim e o analfabeto – uma só diferença que você lê (...)  
O medo das coisas é maior (...)  
Alfabetizar é montar o sistema de valores escritos, esta montagem tem que ter (...)  
A alfabetização é um ato político (...)  
Alfabetização criadora e libertadora – ele discute a sua palavra e a frase (...). (ELZA FREIRE, Manuscritos/Acervo Pessoal de Madalena Freire).

Examinando o conteúdo e a natureza desse material produzido por Elza, salientamos a possibilidade de articular informações teóricas e metodológicas com experiências empíricas, evidenciando as principais contribuições dela para as questões educacionais propostas. Os manuscritos são subsídio à fundamentação de um referencial teórico que evidencie a descrição das realidades político-pedagógicas em questão, para explicar o seu pensamento como sendo elemento constitutivo dos trabalhos desenvolvidos. Há manuscritos que são referências necessárias neste contexto, sobretudo no sentido de palavras geradoras. Um deles publicado aqui pela primeira vez:

(...) 1) Batata; 2) Cavalo; 3) Dívida; 4) Farinha; 5) Galinha; 6) Jarro; 7) Macacheira; 8) Novena; 9) Palha Panela; 10) Queimada; 11) Queimado; 12) Querosene; 13) Roça; 14) Seca; 15) Terra; 16) Trabalho; 17) Vaca; 18) Vassoura; 19) Xarope; 20) Xabumba (ELZA FREIRE, Manuscritos/Acervo Pessoal de Madalena Freire).

Por isso, entendemos a importância da formulação de hipóteses que permitam a investigação e o re-significado e o re-escrever em torno de Elza, sob as lentes da História. E isto implica não apenas em idéias e realidades, aponta possibilidades de re-discutir, re-descobrir e re-pensar a pedagogia que propôs uma práxis transformadora das estruturas e das pessoas, pautada numa educação libertadora e conscientizadora. Ou seja, Elza representa “novo olhar” que se projeta sobre antigas e outras questões, especialmente no contexto Freireano. Mediante isso, deparamos com importante referência, sobre as influências de Elza em Paulo Freire, reforçando a nossa hipótese: *“Elza na verdade, exercia uma influência extraordinária sobre mim do ponto de vista existencial e do ponto de vista intelectual. Eu deveria dizer “antes de Elza” e “depois de Elza”* (FREIRE & HORTON, 2003, p. 83). Assim é possível criar-se uma nova interpretação sobre a complexa discussão contemporânea em torno da Pedagogia

---

<sup>6</sup> A partir do exílio, Freire juntamente com Elza, dá início a um processo de amadurecimento ao repensar, re-avaliar e re-atualizar as discussões e os estudos acerca do “Método Paulo Freire”, incorrendo daí novas incursões, salientando o caráter de assumir outras denominações.

Freireana, com evidentes influências de Elza, configuradas em “*antes de Elza*” e “*depois de Elza*”.

Na tentativa de não desvincular a teoria ou a compreensão de Educação do “Método Paulo Freire” como se qualquer uma delas pudesse se sustentar sem a outra, demonstraremos com o cuidado necessário sobre a criação e o desenvolvimento do “Método” nos detendo sobre a participação de Elza para se constatar e entender a relação estabelecida entre ambos. Como destaca Lutgardes:

Após esta experiência, foi nossa mãe Elza, que já trabalhava com educação na época, especialmente com crianças, que o convenceu a trabalhar com educação. Juntos deram os primeiros passos no trabalho com alfabetização de adultos. Começaram a utilizar o que mais tarde seria chamado Método Paulo Freire, uma metodologia diferente para alfabetizar adultos (COSTA FREIRE apud SOUZA (Org.), 2001, p. 332).

No conjunto dessas discussões não se observava Elza com significância sendo que esteve presente, participando desde o início, como constatamos: “*Fiquei com a parte metodológica, com a elaboração da coisa*” (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 203). Fato confirmado pelo filho Lutgardes:

O Método Paulo Freire nasceu de ambos. Inicialmente com uma forte contribuição de Elza. Ela tinha experiência em educação, principalmente com crianças. Fora professora primária no Recife e mais tarde diretora de escola. Foi ela que convenceu Paulo a seguir a carreira de educador (COSTA FREIRE apud SOUZA (org.), 2001, p. 341).

Pensar as possibilidades de contribuições e influências vindas de Elza para a decisão e realização desse momento histórico para a vida e obra de Paulo Freire, o qual se insere na Educação de Adultos, se amplia quando ela nos é apresentada igualmente sujeito do processo político-pedagógico proposto pelo “Método Paulo Freire”. As suas contribuições e influências “viabilizaram” muito mais do que o “Método”.

As pesquisas, os estudos teóricos que fiz, com efetiva colaboração de Elza, minha primeira mulher, naqueles dez anos, viabilizaram o que veio a se chamar Método Paulo Freire. No fundo, muito mais uma compreensão dialética da educação do que um método de alfabetização (FREIRE, 193, p. 86).

Portanto, Elza e Paulo Freire foram pioneiros como pensadores da Educação na aludida temática da pesquisa. Levaram de Recife para o Brasil e o mundo estas descobertas e experiências, que partiram de situações concretas e se realizaram através do diálogo entre homens/mulheres criadores de cultura, pois assim era possível superar sua compreensão ingênua do mundo e desenvolver postura crítica diante da realidade.

A participação de Elza como que a retroceder no tempo é incontestável, ora como professora dando ênfase aos aspectos pedagógicos, ora como ser humano no contexto político:

Ela foi professora, depois diretora de grupo, mas teve aí um gesto lindo que foi, depois do golpe, a solidariedade absoluta que ela teve comigo. Elza ia me visitar na cadeia e nunca disse: ‘Você está vendo, Paulo, se você tivesse pensado mais...’ Nunca! Quer dizer, ela foi solidária, absolutamente solidária (FREIRE, 2005, p. 288).

Elza vai impregnando a história com as suas marcas, alterando ou cumprindo seu curso. Depois da cadeia, prosseguem interrogatórios no Rio e as ameaças no Recife. Diante das pressões, surge o conflito, cujo trajeto Elza alia às preocupações da família a mobilização de recursos. Contudo, a busca de solução e aceitação da decisão apresenta-se com a vinculação de Elza, ao perpassar sua presença:

Entretanto, resistia a sair do Brasil. Nós próprios, eu e Argentina Rosas, participamos de um esforço no sentido de lhe mostrar os riscos que estaria sujeito se insistisse em permanecer no país: Paulo e Elza se encontravam, então, em um local reservado, em Casa Caiada, Olinda. Lembro que, diante da decisão de permanecer no Brasil, aparentemente inabalável, Elza me chamou à parte e disse: “Vocês ficam aqui até de manhã, mas que ele sai, sai”. Ficamos menos intranquilos (ROSAS, 2003, p. 29).

A partir de então, em setembro de 1964, a utopia no cárcere: a despedida de Elza e os filhos e a partida de Paulo Freire; acontecimento que traz a impressão de ter sido um ano que não acabou; 1964 ainda vive. Após Elza se prepara para sair também, e organiza sua condição profissional, demonstrando preocupações familiares, éticas e, posicionamento político, assume: *“Politicamente eu não tinha problema nenhum. Para sair do Brasil pedi licença sem vencimentos por dois anos no meu trabalho”* (ELZA FREIRE apud COSTA, 1980, p. 201). Realmente, suas atitudes pretendem contribuir para a reflexão sobre seu modo de pensar, sentir e agir, sobretudo para as conseqüências advindas, ao renunciar o cargo público não se afasta da Educação.

O calendário marcava janeiro de 1965, Elza e filhos foram ao encontro de Paulo Freire em Santiago, para ter a família reunida. De acordo com Santiago (2000, p. 83), o exílio voluntário dela foi testemunho maior de sua presença tanto de mulher quanto de batalhadora política. Importante salientar a posição de Paulo Freire quanto a isso: *“Essa posição da Elza não era emocional, de jeito nenhum. Era política também. Ela assumiu o exílio, assumiu existencialmente, e isso é o que eu acho formidável na Elza”* (FREIRE & BETTO, 2000, p. 90). Mais uma vez Elza partícipe: *“E então, minha mãe foi sempre uma pessoa solidária com aquilo que meu pai pregava, quer dizer, porque ela também participou disso”* (COSTA FREIRE, 2007). Das cadeias do Recife

e de Olinda para o Rio, para o exílio. De ontem para hoje, a História se re-escreve para apresentar, conhecer e re-conhecer Elza, re-significar a Educação.

### **Considerações Finais**

Neste trabalho analisamos questões voltadas às possibilidades da atuação e da importância de Elza para a Educação Brasileira e, em especial, para a Educação de Adultos. A pesquisa nos permitiu reconstituir uma parte desta História e seu re-significado na Pedagogia Freireana. Por meio da investigação científica, percebemos que a configuração de Elza neste contexto guarda estreita relação com a dinâmica político-pedagógica e social vivenciada. Assim, de maneira mais visível, acreditamos que a partir dela, é possível apontar contribuições da educadora e intelectual para essa área, bem como fomentar o interesse de outros pesquisadores.

### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BOURDIEU, Pierre (Coord.). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. *A ilusão Biográfica*. In: AMADO, Janaína & FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

BRANDÃO, Carlos R. (Org.). *O Educador: vida e morte*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1983.

COSTA, Albertina de O. Obra Coletiva. *Memórias das Mulheres do Exílio*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

COSTA FREIRE, Lutgardes. São Paulo/SP/Brasil, de 12 de dezembro de 2007 até 01 de maio de 2009, 01 CD. Entrevistas concedidas a pesquisadora.

\_\_\_\_\_. *Homenagem à Memória de Paulo Freire* (mimeo). São Paulo, Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo (ALSP), 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de H. *Dicionário da Língua Portuguesa*, São Paulo: Nova Fronteira, 1995.

\_\_\_\_\_. *Educação e Atualidade Brasileira*. São Paulo: Cortez Editora, IPF, 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Tolerância*. São Paulo: UNESP, 2005.

\_\_\_\_\_. & BETTO, Frei. *Essa escola chamada vida: Depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. São Paulo: Editora Ática, 2000.

\_\_\_\_\_ & GUIMARÃES, Sérgio. *Aprendendo com a própria história*. Vol 1. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_ *Aprendendo com a própria história*. Vol 2. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

\_\_\_\_\_ & HORTON, Myles. *O Caminho se faz caminhando*. Petrópolis, RJ: 2003.

\_\_\_\_\_ & MACEDO, Donaldo. *Alfabetização leitura do mundo leitura da palavra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire: Uma bibliografia*. São Paulo: Cortez, IPF; Brasília, DF; UNESCO, 2006.

LOURO, Guacira L. *Mulheres na sala de aula*. In: PRIORE, M. D. (Org.) BASSANEZI (coord.) *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 443-481.

NÓVOA, Antônio. *Formação de professores e profissão docente*. In: Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ROSAS, Paulo. *Papéis Avulsos Sobre Paulo Freire, 1*. Recife: Centro Paulo Freire – Estudos e Pesquisas: Editora Universitária da UFPE, 2003.

SANTIAGO, Maria E. *A presença de Elza Freire em Paulo Freire*. In: Centro Paulo Freire Estudos e Pesquisas. Um olhar sobre Paulo Freire. Recife: NUPEP, 2000.

\_\_\_\_\_. *Sobre Elza (Texto preliminar para discussão)*. Recife: 1987. Datilografado.

SOUZA, Ana I. (Org.) *Paulo Freire: Vida e Obra*. São Paulo: Expressão Popular Ltda, 2001.

VALE, Maria J. *Paulo Freire, educar para transformar: almanaque histórico*. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

VÁZQUEZ. A. S. *Filosofia da Práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.